

Formação de Professores de Matemática na Região Norte de Minas Gerais (1960-1990): um olhar sobre Montes Claros

Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida³²⁸

Maria Laura Magalhães Gomes³²⁹

RESUMO

Esta pesquisa de doutorado, em andamento, tem como objetivo investigar a história da formação de professores de Matemática no norte de Minas Gerais, no curso de licenciatura da atual Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. O período focalizado se estende da década de 1960 até a década de 1990. Utilizamos a metodologia da História Oral, segundo os parâmetros do GHOM – Grupo História Oral e Educação Matemática, integrando o projeto por ele desenvolvido de mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil. O exame das entrevistas realizadas até o momento nos mostra uma grande busca pela ampliação do quadro de professores graduados para atuar na educação básica e, também, que os alunos tornaram-se professores do curso/instituição que os havia formado.

Um início de conversa: tema e questão de pesquisa

O momento histórico vivido no Brasil na década de 1960 caracterizava-se por grande conturbação. Emergiam questões ligadas tanto ao desenvolvimento socioeconômico – trabalho, mão de obra para a indústria, infraestrutura das cidades – quanto educacional – acesso, democratização e expansão do ensino público (CUNHA; GÓES, 1999). Esse foi um período de Reformas Educacionais, entre as quais podemos citar: a Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 – considerada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN e a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que regulamentava a reforma do Ensino Superior.

Nesse contexto, no estado de Minas Gerais, ocorria a busca por um processo de modernização econômica, política, educacional. No norte de Minas, especificamente na cidade de Montes Claros, em 1960, são dados os primeiros passos para a criação de uma

³²⁸Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). shirley.castroalmeida@yahoo.com.br

³²⁹Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). mlauramgomes@gmail.com

escola superior, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFIL), impulsionada pela elite local num movimento coordenado pela professora Isabel Rebello de Paula. Paula (1973, p. 12) argumenta que “nos cento e vinte mil quilômetros quadrados do sertão norte-mineiro – o chamado Polígono das Secas de Minas Gerais – correspondentes a 1/5 do território do Estado, havia então, 57 estabelecimentos de nível médio, para uma população de mais de um milhão de habitantes”. Fazia-se, portanto, necessário “dotar a região de infraestrutura educacional que atendesse às suas necessidades e provocasse a demarcação, ou seja, o desenvolvimento, o avanço do processo universitário regional” (PAULA, 1973, p. 12).

Em 1962, mediante a Lei Estadual 2.615, de 24/05/1962, é criada a Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM), com a finalidade de instituir e manter a Universidade Norte Mineira (DRUMOND, 1989), e em 1963, um movimento sociocomunitário conseguiu que fosse instalada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL³³⁰), que representou a institucionalização efetiva do Ensino Superior no norte de Minas Gerais.

Passados 27 anos da criação da FUNM, em 1989 cria-se³³¹ a Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES³³².

Em 1964, haviam sido instalados os primeiros cursos da FAFIL (Letras, Pedagogia, Geografia e História). A estes foram somados, em 1968, os cursos de Matemática, Ciências Sociais e Filosofia.

Tomando como período a década de 1960, marco da criação da FUNM, até a década de 1990, marco de criação da UNIMONTES, nossa proposta para este trabalho é “presentificar ausências, ou seja, revisitar o passado a partir do presente” no tocante à formação de professores de Matemática no norte do estado de Minas Gerais, por meio da (re)constituição das narrativas desse processo de formação; do perfil dos docentes; dos conteúdos ministrados; das práticas aplicadas; bem como, na visão desses sujeitos, das motivações políticas e sociais que concorreram para a criação e desenvolvimento do curso de Matemática na FAFIL/FUNM e sua permanência na UNIMONTES. Tais

³³⁰ A FAFIL tinha como mantenedora a Fundação Educacional Luiz de Paula (FELP), que amparou a instituição até sua incorporação à futura Universidade da região.

³³¹ A criação da instituição foi promulgada em texto da constituição do estado de Minas Gerais.

³³² À época, a instituição contava com cinco faculdades e 13 cursos, tendo formado cerca de 7 mil profissionais para o Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha (DRUMOND, 1989).

narrativas representam possibilidades de compreensão das condições em que ocorreu essa formação³³³.

Na próxima seção deste texto, tecemos considerações sobre os campos da História, da História da Educação e da História da Educação Matemática. Em seguida, discorremos sobre a metodologia escolhida para nossa investigação. Finalmente, apresentamos uma análise preliminar do processo de formação de professores no lugar e período focalizados, considerando as entrevistas realizadas com dezessete pessoas que estiveram diretamente ligadas à criação da FAFIL e ao primeiro curso de Matemática dessa Instituição, como alunos e, posteriormente, como professores.

História, História da Educação e História da Educação Matemática

Tendo em vista que a produção do conhecimento histórico é sustentada por métodos e teorias, passamos a comentar sucintamente algumas concepções de história que nos auxiliarão na concepção e fundamentação de nossa investigação.

Conforme Bittencourt (2004), a partir do século XIX, a história constituiu-se em disciplina científica. Leopold Ranke, considerado um dos fundadores do cientificismo, formulou uma teoria que tinha como objetivo apresentar os fatos históricos tal qual se passaram realmente. Para isso, adotou como metodologia o “Positivismo”, que tinha como princípio a objetividade e a neutralidade. A autora (2004, p. 140) registra que os fundamentos teóricos de Ranke estavam estruturados “nos pressupostos da singularidade dos acontecimentos históricos”. Assim, cada fato histórico é único e sem possibilidade de repetição e, para se reconstruir o passado, a base deve ser a objetividade, em busca da “história verdadeira”.

Contudo, na primeira metade do século XX, surgiu a *École des Annales*³³⁴, que realizou um esforço de aproximação da história às outras ciências humanas e de

³³³ Nossa investigação é parte de um projeto de maior amplitude, acerca da “Formação de Professores de Matemática”, do Grupo História Oral e Educação Matemática – GHOEM que objetiva “mapear” as práticas de formação e atuação de professores de Matemática no Brasil. Identificamos trabalhos concluídos, dessa natureza, realizados nos Estados de Goiás, Maranhão, Paraíba, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Tocantins – todos ligados ao GHOEM.

³³⁴ Essa escola estava ligada à revista *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, numa época de exaltação da “escola metódica”, que enfatizava o acontecimento, a dimensão política da vida através de uma História Política à qual foram atribuídos vários adjetivos: elitista, anedótica, individualista, factual.

superação da história positivista. Segundo Lombardi (2004), o grupo dos Annales insistia numa aproximação da história conhecimento à história experiência (articulada à economia, à organização social e à psicologia coletiva), capaz de romper com a metodologia (rígida, positivista) até então praticada, e, para isso, incorporava várias matrizes teórico-metodológicas em seu interior, evocando o caráter interdisciplinar da história.

Para Burke (1992, p. 12), “os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, (inserida num tempo curto), enquanto a nova história, (de longa duração), está mais preocupada com a análise das estruturas”, ou seja, uma história “nova” que estuda estruturas particulares e não épocas (grifos nossos). Para Burke (1997), a base filosófica dessa Nova História é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída, na qual são importantes não apenas os acontecimentos de grande notoriedade, oficiais, mas, também aqueles articulados à cotidianidade dos sujeitos, na intenção de compreender o homem em sua totalidade.

A consideração de novas perspectivas de abordagens, objetos e dimensões que constituem o conhecimento histórico pela Escola dos Annales influenciou decisivamente na historiografia. A historiografia da educação foi influenciada – teórica e metodologicamente – por essas propostas historiográficas, reproduzindo suas características na elaboração de trabalhos de caráter descritivo, enfatizando os aspectos formais da produção (tema, período, fontes) e, em outros casos, analisando essa mesma produção.

Estudos de Vidal e Faria Filho (2003, p. 37) sobre a constituição do campo da História da Educação no Brasil revelam que, a partir dos anos 1960 e início dos 70, “foi-se constituindo uma certa *identidade*, ainda que multifacetada e plural do *historiador da educação*” (grifos do original). De acordo com os autores, com o surgimento dos programas de pós-graduação em Educação no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, ocorreu uma alteração na configuração dos trabalhos desse campo que acentuou sua aproximação à história e à filosofia, a partir de um referencial teórico-marxista, baseado em Althusser (1960/1970) e em Gramsci (1970-1980).

Destaca-se como importante marco do crescimento significativo da produção de trabalhos em História da Educação a criação, na década de 1980, de Grupos de Trabalho

de História da Educação, bem como a criação de associações científicas, periódicos e outros espaços de reunião de pesquisadores e condensação/difusão de perspectivas teórico-metodológicas. Na visão de Vidal e Faria Filho (2003, p. 59), emergiram muitos “grupos de pesquisa que se impuseram o desafio de investigações de escopo alargado, de longo prazo e com grande preocupação com o mapeamento, organização e disponibilização de acervos documentais”. Ainda assim, durante muito tempo, no Brasil e em outros países, a história da educação restringiu-se ao estudo da organização dos sistemas de ensino, de ideários e discursos pedagógicos, tomando como base leis, regulamentos, reformas educacionais e obras de grandes pensadores.

Galvão e Lopes (2010) registram que, nas últimas décadas, três grandes tendências influenciaram decisivamente o campo da História da Educação, contribuindo para sua renovação: a História Cultural (que objetiva identificar o modo como em diferentes contextos uma determinada realidade social é construída, como os sujeitos atribuem significado ao mundo em que vivem), a História Social (que busca registrar a história do sujeito coletivo, das identidades sociais, do papel da ação humana na história), a Micro-história (prática historiográfica que se baseia na redução da escala da observação e análise minuciosa do material documental). Ainda de acordo com as autoras (2010, p. 35), na história da educação, essas tendências historiográficas também provocaram mudanças na seleção dos objetos de pesquisa e na forma de abordá-los. Assim, passaram a ser valorizados temas como a cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais, os livros didáticos, a infância, a educação rural. Há um nítido deslocamento do interesse das ideias e políticas educacionais para as práticas, os usos e as apropriações dos diferentes objetos.

É nessa brecha que nossa pesquisa se insere, como possibilidade de um estudo localizado da formação de professores de Matemática no norte de Minas Gerais (1960-1990), na instituição FUNM/UNIMONTES, buscando a compreensão do passado, considerando as especificidades políticas, econômicas, sociais e educacionais desse tempo/lugar, e suas “possíveis” implicações, relações, associações com o presente.

No entanto, se nosso estudo se insere com propriedade, segundo acreditamos, no campo da História da Educação, o envolvimento do objeto específico da formação de professores de Matemática nos leva a considerar também sua pertinência ao campo da

História da Educação Matemática, tomando como referência as características do surgimento e desenvolvimento ainda recentes do mesmo em nosso país.

Focando o campo das relações entre História e Educação Matemática no Brasil, em texto recente, Miguel, Miorim e Brito (2013) apontam a emergência de estudos investigativos das relações entre história, matemática e educação matemática, acentuando que, a partir de meados da década de 1990, os debates especializaram-se e surgiram grupos de pesquisa focados na investigação dessa temática. Essas circunstâncias culminaram com uma grande produção acadêmica por parte de tais grupos, o que concorreu para o estabelecimento de distinções entre três campos de investigação: História da Matemática (HM); História da Educação Matemática (HEM) e História na Educação Matemática (HiNEM).

O campo em que se insere esta pesquisa, segundo a caracterização dos autores em que nos apoiamos, como buscaremos explicar a seguir, é o da História da Educação Matemática.

Conforme Miguel, Miorim e Brito (2013), a História da Educação Matemática, além de poder ser vista como abordagem histórica da disciplina escolar Matemática, é, também, um campo autônomo de investigação científico-acadêmica, que se ocupa de estudos mais complexos e diversificados, que ultrapassam a investigação sobre o desenvolvimento de ideias pedagógicas acerca do ensino e da aprendizagem da matemática.

Os estudiosos do campo da HEM dedicam-se à investigação, por métodos históricos, de práticas mobilizadoras da cultura matemática com propósitos educativos.

Destarte, esperamos que nosso trabalho, que se insere claramente no eixo das histórias de formação de professores de matemática, um dos principais focos da pesquisa em História da Educação Matemática, segundo Miguel, Miorim e Brito (2013), possa contribuir para o esboço de um quadro sobre a constituição e o desenvolvimento do primeiro curso de licenciatura plena em Matemática na FAFIL, norte de Minas Gerais e, portanto, do processo de formação de professores de Matemática nessa região no período de 1960-1990.

No período em que o curso de Matemática foi criado em Montes Claros, tinha grande força, no país, o Movimento da Matemática Moderna (MMM), tema de inúmeras pesquisas recentes em nosso país. A implantação do curso de Matemática da

FAFIL, em Montes Claros, coincide temporalmente com esse movimento de renovação do ensino em que se propagam as ideias do MMM e se realizam apropriações diversificadas delas para os ensinos primário, secundário e superior. Nosso trabalho deverá, portanto, investir na investigação quanto às relações entre a disseminação das concepções modernistas e a história da formação de professores de Matemática na cidade focalizada.

Percursos Metodológicos

As fontes para nossa investigação são de natureza diversificada. Entre elas estão: documentos da Diretoria de Desenvolvimento de Recursos Humanos (DDRH) e da Secretaria Geral da UNIMONTES; propostas pedagógicas e programas das disciplinas do curso de Matemática no período em foco; periódicos editados pela FAFIL e pela FUNM; jornais e legislação educacional da época; documentos produzidos por professores e alunos do curso tais como diários de classe, provas, notas de docentes, cadernos de antigos estudantes; acervo bibliográfico vinculado ao curso.

No entanto, uma fonte central em nossa investigação é constituída pelos depoimentos de sujeitos vinculados ao curso de Matemática da UNIMONTES no período alvo da pesquisa. Para tanto, prestigiamos, em nosso trabalho, a metodologia da História Oral.

A História Oral surgiu em meados das décadas de 1960/70, por meio de uma abordagem do “acontecimento social” sem classificações prévias, sem o objetivo de factuá-lo, ao contrário, abrindo planos discursivos de memórias várias, atentando para as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza, “dando voz” ao sujeito que a si mesmo constitui-se nos exercícios narrativos – explicando e dando indícios – que possibilitarão a compreensão do contexto no qual está se constituindo (GARNICA, 2004).

No Brasil, segundo Amado e Ferreira (2006, p. xxii), a passagem da década de 1970 para a de 1980 trouxe “transformações expressivas nos diferentes campos da pesquisa histórica, revalorizando a análise qualitativa, resgatando a importância das experiências individuais, promovendo um renascimento do estudo do político e dando impulso à história cultural”. Nesse novo cenário, passou-se a revalorizar depoimentos,

relatos pessoais e biografias e a se argumentar fortemente em defesa da abordagem biográfica.

Nessa perspectiva, ao ouvir os relatos de nossos colaboradores, tivemos como alvo a recuperação da memória individual e coletiva, das informações sobre fatos não registrados, associando-os a eventos da vida pública e privada que nos revelaram “visões” de mundo, dos lugares, da vida e da profissão.

As narrativas dos sujeitos ligados ao curso de Matemática da UNIMONTES pesquisados evidenciaram aspectos de seu processo de formação (sua identidade e o processo de construção de sua vida profissional), denotando saberes vivenciais, culturais, legitimados por estes narradores.

Resultados parciais da pesquisa

O cotejamento das dezessete entrevistas realizadas até o presente momento nos mostra uma grande busca pela ampliação do quadro de professores graduados para atuar na educação básica e, também, que os alunos tornaram-se professores do curso/instituição que os havia formado.

Os alunos do curso de licenciatura em Matemática, pelo menos das primeiras turmas eram da região norte de Minas Gerais (especificamente de Bocaiúva, Francisco Sá, Brasília de Minas, Janaúba, Janaúria, Pirapora).

Destaca-se, nas narrativas de alguns professores, ex-alunos da primeira turma (1968/1971) do curso, a demanda premente da formação de professores de Matemática para atuar no ensino secundário e superior, bem como as dificuldades relativas à composição de corpo qualificado para atuar nos cursos superiores existentes em Montes Claros nos anos 1964/1968, visto que o município era geograficamente distante de instituições de ensino que formavam esses profissionais.

A empreitada de trazer de Belo Horizonte um docente³³⁵ para ministrar todas as aulas das disciplinas de Matemática no primeiro ano do curso revela a urgência e a conscientização sobre a necessidade de se ter um bom padrão no novo curso. Foram feitas adaptações para que o curso se mantivesse, como a realização das aulas semanais em período diurno e noturno e, ainda, aos sábados no turno vespertino, a fim de facilitar

³³⁵ Trata-se do professor Francisco Bastos Gil.

a presença dos acadêmicos que trabalhavam. Outra adaptação foi o aproveitamento de professores dos cursos de Pedagogia, Letras, Geografia e História (criados em 1964), para ministrar as disciplinas do núcleo comum dos cursos (Psicologia, Estrutura e Funcionamento do 1º e do 2º graus, Português, Didática, Metodologia Científica).

A partir das entrevistas, identificamos algumas concepções de formação de professores de Matemática presentes na criação e implementação inicial do curso.

A primeira delas, a de que o curso de Matemática deveria ser difícil, com rigor teórico, buscando formar professores certificados e qualificados para atuar de forma eficiente na docência é marcante nas narrativas dos dezessete professores entrevistados.

Contudo, uma mudança evidenciou-se a partir da década de 1980, como destacado especificamente por alguns entrevistados: trata-se da ênfase que passou a ser conferida à formação de pesquisadores na área da Matemática, por meio da introdução de atividades de Iniciação Científica e da formação de grupos de estudo e pesquisa.

Na análise preliminar até aqui desenvolvida, cabe destacar que a formação de professores em nível superior na região focalizada, ocorreu, conforme Garnica (2010) sob o signo da urgência e da carência. Urgência, pois, era uma exigência legal que os professores tivessem a habilitação mínima obtida em instituições de ensino superior. Carência de sujeitos com certificação para atuar no ensino secundário, pois os que atuavam não eram habilitados para o exercício da função.

Outro aspecto importante é que a falta de estrutura da própria instituição fez emergir as oportunidades para ingresso na carreira da docência no ensino superior³³⁶.

Muitos entrevistados referiram-se à dificuldade do curso e a seu rigor. Disseram que o curso tinha um caráter integral, pois exigia muita dedicação e entendimento pleno dos conceitos trabalhados, o que concorreu para a formação de grupos de estudo nas casas dos acadêmicos e em salas vagas da própria instituição durante a semana e nos fins de semana.

Os depoimentos indicam que não havia, inicialmente, uma separação por ano ou por período, das disciplinas específicas do curso de Matemática, chamadas “puras” em relação às disciplinas chamadas “pedagógicas”, pois, com o intuito de compor a matriz curricular com o material humano de que a instituição dispunha no ano de criação do

³³⁶ Dos dezessete entrevistados, um foi fundador da FAFIL, outros três foram professores do curso e os demais foram alunos e se tornaram professores do curso que os havia formado.

curso (1968), havia uma mescla de disciplinas da área de Matemática (ministradas, no início do curso, exclusivamente, pelo professor Francisco Bastos Gil) e outras do campo da Educação (como Didática, Estrutura e Funcionamento do 1º e 2º graus, Metodologia Científica), ministradas pelos professores dos outros cursos.

Conforme relato de uma das entrevistadas, embora os alunos das primeiras turmas já atuassem como professores de Matemática no ensino secundário, o fato de cursar a graduação em Matemática trazia segurança para ministrar os conteúdos e, ainda, conhecimento aprofundado das teorias e autores de maior prestígio à época. Isso nos remete a uma reflexão sobre o tipo de professor ou o tipo de aulas que eram ministradas, pois os depoentes que estudaram nas décadas de 1960 e 1970 deixam entrever que o curso era muito rígido e seus professores, também. A partir dos relatos, podemos perceber que, no modelo de formação docente adotado, era enfatizada a formação matemática em detrimento da formação pedagógica; além disso, era priorizada a formação para a docência/ensino em relação à formação para a pesquisa.

Nas narrativas dos professores formados nas décadas de 1980 e 1990, evidencia-se uma preocupação com o atual processo de formação de professores de Matemática no curso, já que alguns entrevistados disseram que hoje os alunos estão mais interessados em cursar a pós-graduação para ser pesquisadores.

Conforme nossos colaboradores, a criação de uma Instituição Superior em 1964 foi muito importante para o desenvolvimento de Montes Claros, para o desenvolvimento regional, pois, a cidade e a região eram consideradas, à época, como um grotão esquecido.

Referências

AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (Coord.) **Usos & abusos da história oral** – 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.



CUNHA, L. A. e GÓES, M. de. **O golpe na educação**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

DRUMOND, J. G. de F. “Universitas quae sera tamen”. Montes Claros: **Revista Vínculo**, n. 04, dez. 1989.

GALVÃO, A. M. de O., LOPES, E. M. T. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2010.

GARNICA, A. V. M. (Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em História Oral e Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. de C. (org.). **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004, v. único, p.151-163.

_____. Presentificando Ausências: A Formação e a Atuação dos Professores de Matemática. In: CUNHA, A.M. de O. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 555 -569.

LOMBARDI, J. C. História e Historiografia da Educação no Brasil. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. 1, p. 1-20, 2004.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A.; BRITO, A. J. History of Mathematics Education in Brazil. In: UNESCO (Org.). **Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS)**. Oxford: UNESCO, 2013, v.1, p. 1-55.

PAULA, I. R. de. Pequena Resenha Histórica da FAFIL. Montes Claros: **Revista Vínculo**, Ano I, n. 01, mar. 1973.

VIDAL, D. G. & FARIA FILHO, L. M. de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p.37-70, 2003.